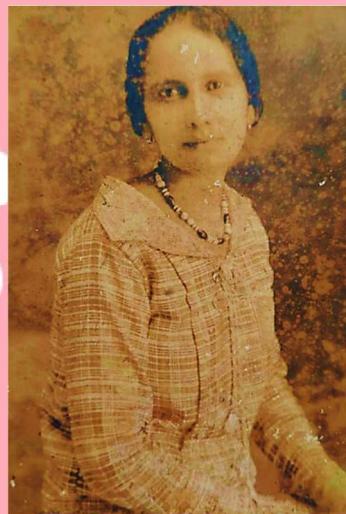




**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA**

**POEMAS ÉDITOS DE ALCINA DANTAS (1892-1974)**

**E-BOOK**



**Salvador**

**2024**

**POLLIANNA DOS SANTOS FERREIRA SILVA**

**POEMAS ÉDITOS DE ALCINA DANTAS (1892-1974)**

*E-book* apresentado como versão impressa dos poemas editados e disponibilizados na hiperedição dos poemas éditos de Alcina Dantas desenvolvida na pesquisa de doutorado realizada no Curso de Doutorado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Letras.  
Orientadora: Profa. Dra. Rosa Borges dos Santos.

**Salvador**

**2024**

## SUMÁRIO

Apresentação .....	6
Alma que chora .....	7
O céu da tua infância .....	8
“Ouvindo as juras” .....	9
A Formiga, a Borboleta e o Colibri .....	10
Maio .....	11
Prece .....	12
O inverno chora .....	13
Serei feliz? .....	14
O orgulho e a vingança .....	15
Duas Rosas! .....	16
Gemidos de Saudade .....	17
Manhã .....	18
De Relance .....	19
“Meu coração quer falar...” .....	20
Coração torturado .....	23
“A tua dor” .....	24
No mar .....	26
Amor e amores .....	27
Flor rejuvenesce! .....	29
Se eu pudesse cantar... cantaria .....	31
Por que? .....	33
Alma de luz .....	34
Luar negro.....	36
O teu livro: .....	37
Por te querer: .....	38
Por te deixar.....	40
Jardim do meu Sertão .....	41
“A lágrima de Conchita de Jesus” .....	43
Quem luta...vence! .....	44
“As ondas dos teus cabelos” .....	45
“Canção da Rola” .....	46

Rosas Brancas .....	47
“O teu ramalhete de verso” .....	48
“Não sei por que...” .....	49
“Bouquet de rosas” .....	51
Joias Benditas .....	52
Que importa .....	53
“Mistérios da Poesia” .....	54
“Pedaços” .....	55
As torcedoras itaberabenses.....	56
Um sino canta! .....	57
“Aos teus olhos” .....	58
“Velha palmeira” .....	59
Lendo .....	61
Ao mês de maio .....	62
“Lua Bendita” .....	64
“Agradável surpresa” .....	66
Gosto de sentir .....	67
O Manacá .....	69
O Bicho da Encruzilhada .....	70
No roçado .....	72
O pandeiro .....	75
“Caboclo do Sertão” .....	77
“Lua Feiticeira” .....	79
“A Viola e a Canção” .....	80
Versos Íntimos .....	81
“Duas estrelas” .....	82
“Um pouco de tudo teu”.....	83
“Princesinha da Graça” .....	84
“Eu vi o pardal” .....	85
Flor e Santa! .....	86
“A Graça do teu Sorriso” .....	87
“Deixas” .....	88
“Sapatinho do Poeta”.....	90

“O sol do teu dia” .....	90
São João de Luizinha .....	91
Rosas .....	92
Hino Luz de Vitória .....	93
Glória e divindade! .....	94
“Alma Crente” .....	95
Caridade e amor.....	96
“Na penumbra” .....	97
“Ombre bleue” .....	98
“Te quero ver feliz” .....	99
“Olhar que fala”.....	100
A felicidade aonde mora? .....	101
“Vossa Excelência” .....	102
“Lendo Solidão” .....	103
Hino Mariense .....	104
Lá vai! Lá vai! .....	105
Nunca em teus lábios .....	106
Muita corda...embaraça .....	108
Crianças .....	108
Recordar é viver .....	110
Mistérios do coração.....	111
Todo olhar tem mistério .....	112
O coração não envelhece .....	114
Itapuã .....	115
A Concha, a Pérola e a Cruz .....	117

## APRESENTAÇÃO

Alcina Gomes Dantas (1892-1974) nasceu em Itaberaba – BA e faleceu em Feira de Santana – BA. Atuando como pianista, escultora, radialista e escritora, ela foi uma artista múltipla. Ela publicou mais de **116** textos nos periódicos *Folha do Norte*, *Folha da Feira*, *O Itaberaba*, *Vanguarda*, dentre eles destacam-se os **89** poemas que foram editados e disponibilizados na *Hiperedição da obra poética de Alcina Dantas*. Este E-book traz esses poemas, em ordem cronológica e em formato de PDF, para todo(a)s o(a)s leitores(a)s interessados na produção dessa artista.

*Poemas éditos de Alcina Dantas (1892-1974)* integra a pesquisa de doutorado intitulada de *Hiperedição dos poemas éditos de Alcina Dantas: dos jornais para a web*, iniciada em março de 2019 e defendida em março de 2024, no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob a orientação da Profa. Dra. Rosa Borges, no âmbito do Grupo de Edição de Estudo de Textos (GEET).

Esta hiperedição, conforme compreendida por McGann (1991), é um espaço que reúne, em um mesmo ambiente, edições e documentos, relacionados entre si, objetivando dar a ler o dossiê que integra o Acervo Alcina Dantas e a obra poética da escritora Alcina Dantas (1892-1974). No campo da Filologia, disponibilizamos, para a leitura, edições fac-similares, interpretativas e críticas desses **89** poemas.

Buscamos contribuir para a difusão de sua obra literária, e, por conseguinte, colocar em cena o seu papel na literatura baiana marcado pelo fato de ela ser uma mulher, cis, branca, de classe média e residente de uma cidade do interior baiano, isto é, de Feira de Santana.

## ALMA QUE CHORA

*À "Rosa Rubra" do Sertão  
da minha terra, da terra que  
me viu nascer.*

Bem triste é o meu viver, e mais se aumenta  
Com a dor bem violácea do meu peito  
Invadindo a minh'alma que lamenta  
O meu sonho aurirróseo, já desfeito.

- 5    *Emma vive cansada da tormenta*  
      Que lhe provoca o pranto contrafeito...  
      E a alma que chora, as dores aviventa,  
      Quando cai extenuada sobre o leito.
- 10    É na alma, que soluça de amargura,  
 10    Que o pranto em ondas límpidas se espraia  
      E o martírio do anseio e da tortura.
- No deserto imenso desta vida,  
      É a lágrima o sol que ardente raia,  
      É a lágrima o regato que trepida...

ALCINA DANTAS.

Feira, 25 [de fevereiro de] 1929.

## O CÉU DA TUA INFÂNCIA

A uma criança

*Relicário do Beijo e da Carícia  
Em ti se abrigam Amor e Inocência.*

No céu azul da tua infância  
Raio de luz jamais rebrilha,  
Sem sombra que turva a esperança  
E a graça, da beleza filha.

- 5      O céu azul da tua infância  
É um céu nevoento e triste  
Sem astros ter, sem ter bonanças  
E em que a treva existe.

- 10     As nuvens densas vão passando  
Tal de fugir sentindo ânsia.

E na doçura de teu riso  
Na inocência vais gozando  
A vida qual um paraíso.

ALCINA DANTAS.

15 de Abril de 1929.

*A ti, Djalma L., que m'a pediste.  
Cumpro a tua determinação,  
pedindo-te, no entanto, não me  
tenhas como ‘poetisa’.*

Dos lábios teus ouvi jura profana  
De que um puro amor a tua alma tirana sentia  
Mas vi em tua jura, infida alma  
Que mentira era o fogo que no teu ser ardia.

- 5 A boca sensual em que traição sorria  
Instilava o veneno de teu peito perjuro  
E ias pelo mundo, em negra hipocrisia,  
Mercadejando amor, libertino e perjuro.

Juravas ante imagens amor de fantasia  
10 Ó alma vil, mesquinha. E na faina dolosa

Rendias corações à tua atroz magia.  
Escravizadas, crentes julgavam ambrosia  
O que envenenava a jura vergonhosa  
A te fluir dos lábios mentira escandalosa.

24 [de abril de] 1929.

ALCINA DANTAS.

## A FORMIGA, A BORBOLETA E O COLIBRI

*À Rosa Rubra que ficou perdida no canteiro sertanejo.*

Sem medir o peso certamente,  
A Formiga, anda vagarosamente,  
Carrega folha, cambaleia pelo chão.  
Não dorme, e não passa a noite em vão.

5     Corta, e recorta a “florida roseira”.

Percorre aqui, ali, a noite inteira,  
Em busca da folha caída.  
Que fica no chão perdida.

Lamentam Borboleta e Colibri.

10    Buscando “a flor” para beijá-la,  
Na aurora rósea que sorri.

Desejam a Formiga encontrá-la...

15    Na manhã morna e Primaveril,  
Que deles roubou o doce prazer fluir.

ALCINA DANTAS.

Feira, 9 de Maio de 1929.

## MAIO

*Quem melhor dirá de ti  
 senão o poeta dos Astros  
 das Flores, das Aves – o poeta  
 das Saudades!!...*

Reina na terra em flor intérmina alegria!

A lua beija o mar, do céu puro de anil,  
 O sol do dia fulge de encanto e poesia,  
 A brisa passa leve, perfumada e sutil.

5 As flores cair deixam as pétalas no espaço...

Ascende das corolas a fragrância suave...  
 Trescalam ao nascer sem que sintam cansaço,  
 Como a nota de um carme passionnal de ave.

Adormece o estio ouvindo o rouxinol,

10 Cada estrofe remata uma eclosão de amor,  
 Chilreia a Cotovia em vindo o arrebol,  
 Anunciando o sol no bendito esplendor.

Ouço uma voz sonora que no céu se levanta  
 Num hino abençoadão cantando em alegria  
 15 Cala em minh' alma a voz que docemente canta  
 Saudando a graça régia de teu mês, ó Maria!

Trenos, risos e flores, lábios balbuciando  
 Segredam o nome teu, louvando-Te, Maria;  
 Cheias de fé, deliram as almas entoando  
 20 Hinos de gratidão, em dílcida harmonia.

Salve! Salve, Maria! teu nome tão querido  
 Conclamam carrilhões no auge d'alegria,  
 Bendita Rosa Mística do Empíreo reflorido,  
 Cujo perfume enleva e a todos delicia.

Maio – 1929.  
ALCINA DANTAS.

**PRECE**

*À Lourita R.*

Prece! Elevas-te ao Céu em murmúrio bendito,  
Como o fumo do incenso ascende ao infinito.

5

Prece é o trêmulo harmônico de tua doce voz,  
A luz dos olhos teus, astros num céu de Maio.  
Enquanto a lua jaz em lânguido desmaio.

Prece é o sorriso místico da boca pequenina,  
Quando a dor de teu peito aumenta a amargura  
E a tua alma soluça e geme de tortura.

10

Prece é o encanto de tua alma piedosa,  
Subindo aos pés de Deus em ânsias, fervorosa.

ALCINA DANTAS.

Feira – 13 de Junho de 1929.

## O INVERNO CHORA

*Ao espírito luminoso de Eurico Alves,  
delicado amiguinho e poeta moderno.*

Tudo chora lá fora

Com o Inverno de agora.

A tristeza invade tudo!

Derrama a lua um clarão de prata

5 E o frio canta, num cantar que mata.

Tudo chora, embora

O frio sorria agora.

Nem só a terra sente

O Inverno renitente.

10 Que dá vida e também mata...

O frio sorria agora...

Cai a neblina e ora

Na cascata cristalina.

As lágrimas de suas neves

15 Escorrem lentas e leves.

O frio sorria e ... chora

Na Invernada de agora.

ALCINA DANTAS.

## SEREI FELIZ?

Sentada junto à mesa disparte o seu baralho.  
Pensando em ler cartas, e que o futuro diz.  
Concentra o pensamento inteiro no trabalho,  
Que lhe dirá a sorte virá a ser feliz?

- 5      Uma glória sem par reserva-lho o futuro...  
          Serás amada... sim e esta carta o diz.  
          Mas... com um outro amor, bem mais leal eu juro  
          Serias tu no entanto ditosa e mais feliz,

- Pertuba-se-lhe a ideia vacila no momento.  
10     Qual será esta glória, a Cartomante diz?  
          E qual será o amor, que lhe fará feliz?

Foi um amor... recorda, revive o pensamento.  
Que sempre firme foi, e tu' alma não quis,  
Com ele as cartas juram que serias feliz.

ALCINA DANTAS.

12 [de abril de] 1929.

## O ORGULHO E A VINGANÇA

Só desprezo merece atroz Vingança...

O Orgulho justo impera sem desdém,  
Não receia do ódio que não cansa,  
Da sede que a Vingança diz que tem.

5     A Vingança, se nobre, sem fereza,  
É lutar num anseio de vencer.  
Orgulho de amor-próprio é bem grandeza  
Das almas nobres, ricas de saber.

Vingança baixa não produz efeito:  
10    É temor, é inveja e é vileza,  
Nas almas pequeninas, sem nobreza.

Naquele que se julga ente perfeito,  
Mesquinho sendo, sem nenhum conceito,  
Pois, sem poder, Orgulho é só – Fraqueza.

ALCINA DANTAS.

Feira, 3 de Setembro de 1929.

## DUAS ROSAS!

*Deste-me duas rosas tão lindas! A pediste-ma que as descrevesse. Flores! Imaginação do Poeta.*

Rosas! Tomaste as cores das faces de Eunira

Há nesse colorido encanto que admira.

A graça que a natura às rosas outorgou

Também possui Eunira que já me cativou

- 5     Do róseo aveludado, aí o perfume banha  
       É a alma que evola numa doçura estranha.  
       Duas rosas! Há numa o sorriso que fala,  
       Noutra – a suave olência que o nectário exala.

Duas pétalas de uma o matiz é tão lindo!

- 10    A outra tem a graça que me seduz, sorrindo.  
       Rosas, magos escrínios de amora inebriante,  
       A vista delícias, de perto e de distante.  
       Que lindas são as rosas que me deste!

Há nelas

Candor,

Frescor.

15

São tão belas, tão puras, tão mimosas!...

Afinal... são rosas,

– Rosas de amor.

20

Que primor!

ALCINA DANTAS.

## GEMIDOS DE SAUDADE

*Em ti voa de contínuo o meu pensamento,  
Oh! meu pai querido!  
Dentro em mim, rejuvenesceram as saudades!!*

O meu peito o sofrer e a tristeza invadem.

†na Dor, lágrimas que os meus olhos brotam.

É a saudade o prisma do sofrer,

É a saudade o meu padecer.

5 De ti, jamais esquecer-me eu posso.

A Dor cristalina na profundez d'alma

Eu a sinto e sentirei, confortada e calma...

Dor agora fraternizam.

†ança em mim e o imortaliza

10 A minha prece aos céus, é o cantar religioso...

Por ti, meu pai, que sempre foste tão bondoso...

ALCINA DANTAS.

28 de Dezembro de 1929.

## MANHÃ

*Ao d[outo]jr Pericles Lima, agradecendo a oferta do  
delicado soneto – Crepúsculo – Pedaço de  
sentimentalismo.*

Vejo d'ouro a manhã em que o sol rebrilha  
E no canto sonoro da ave que desperta  
A maviosidade do verso que me oferta  
A tua inteligência, que em borbotões fervilha

5

Diviso na manhã de lúcida alvorada  
A multidão de gemas do encanto que fascina;  
Eu vejo a luz de que natura é coroada  
E o fulgor do talento que a fronte t'ilumina.

10

E tudo que desperta no olhar do teu pensar  
Esmalta-se de luz: a ideia esplendorosa,  
A tua inteligência vivaz a fulgurar...

Constelado de estrelas o céu de teu amor,  
Em frases de eloquência e vivido calor,  
Modulas no 'Crepúsculo' queixumes d'uma dor.

ALCINA DANTAS.

Feira, 19 [de janeiro de] 1930.

**DE RELANCE**

À

O sol sumia-se n'uma penumbra de crepúsculo,

Num tom suave

De cor avermelhada;

A tarde – paisagem sombria

5 Deixava a tarde fatigada...

Eu via,

Nos caprichos da saudade,

O realizar de um sonho...

E a voz da tu'alma

10 Mais triste que a tarde

Quando morria na colina...

Eu via, sim, com os olhos d'alma

A tristeza que † evadia

Feira, †

## “MEU CORAÇÃO QUER FALAR...”

Meu coração  
Diz  
Sim... Não...  
Sim... Não  
5 Assim parece,  
Alguma coisa  
Querer dizer;  
Mesmo não sei  
O seu querer  
10 Fala, meu coração,  
Diz o teu sentir;  
Não queiras  
Fugir,  
Fugir,  
15 Que alguém de ti  
Virá  
Sorrir.  
Assim, nessa inquietação,  
Nessa aflição,  
20 Dentro em mim? Não.  
Parece que o teu mal  
Cresce,  
Cresce  
E o teu pensar  
25 Não terá fim...  
Fala, meu coração,  
Mesmo em surdina,  
Que te ouvirei...

E direi,  
30 Que a tua dor  
Tem valor.  
  
Olha, meu coração;  
Se a Razão  
Impedir-te,  
35 E dominar-te,  
Fala, fala  
Mais alto ainda,  
Que te ouvirei,  
E direi,  
40 Que o teu mal  
Há de findar  
Mas...vejo que te acalmas  
E vais calando...  
Calando...  
45 Não mais dizendo  
Sim...Não...Sim...Não...  
E tudo vais esquecendo.  
Por que assim fazes?  
Fala, meu coração!  
50 Fala, mesmo em surdina,  
Que a minh'alma  
Te ouvirá...  
  
Fala mesmo assim:  
Sim...Não...Sim...Não...  
55 Que eu quero ouvir  
Sempre,  
Sempre  
A tua voz

Meu coração!...

ALCINA DANTAS.

## CORAÇÃO TORTURADO

Ferido, agora, preso e torturado,  
 Sem amor, sem prazer, num só momento,  
 Nesta angústia feroz do sofrimento,  
 Geme meu coração amargurado!

5 Cá dentro do meu peito encarcerado,  
 Puro de crença e farto de tormento,  
 Não canta mais ao voar do pensamento  
 Para castigo dum ideal sonhado.

E num viver feral, banhado em pranto,  
 10 Sufoco as tristes notas do meu canto  
 Fremindo de anseios que morrendo vão.

Tempestade da dor, o mal persiste  
 Porque dentro de mim pisando existe  
 A tortura maior no coração.

Feira 3 – Março de [1]937.

ALCINA DANTAS.

N.º 081 – 1 – 1

### “A TUA DOR”

Viste-me, como eu a ti,

Sem trocarmos

Um olhar

E, na suavidade

5

Do meu rancor,

Conheci a tua dor,

A dor da tua

Alma

Que parecia

Calma,

Mas sofria,

Em demasia.

10

II

Sofrias; eu não sorria

Com a dor

15

Que te invadia,

Porque o teu sofrer

Não vai

Do meu querer.

III

Bendito é o teu viver

20

Na embriaguez

Do teu silêncio;  
 Tens envolto o coração,  
 Numa espécie  
 De sudário  
 25 Onde encerras tua dor,  
 Uma dor  
 De ansiedade,  
 Nesta tristeza  
 Triste  
 30 Que te vai no fundo  
 D'alma,  
 E sofres com toda calma.

## II

Aquela tarde era triste  
 Como o canto  
 Que p†almodia,  
 E me dizia em segredo  
 Tudo,  
 Tudo triste.  
 Que tua alma sofria:  
 35 Cantava, chorava...  
 E ria

ALCINA DANTAS.

Feira, 15 [de abril de]1930.

## NO MAR

*Para o distinto amiguinho Dr. O[utto] S[chmidt] em lembrança duma palestra a bordo.*

- As ondas toucam-se de espumosos flocos  
 Refervilham ensofregas as águas  
     Em largo mar;  
 Estronda o vento d'encontro às penedias  
 5           A cantar,  
     A cantar.
- E a turquesa no céu se refletia,  
 Em transparências de luz,  
 No seio alvo da praia;  
 10 Beijos silenciosos, em asas espumantes,  
     Pousavam, breves na nitente areia  
         Que anseia...  
 As águas tingiam-se de azul  
 Dum azul-verde, belo de encantar.
- No marulho rítmico das vagas  
 15 Soluçava a dolente canção  
     A Guitarra da Saudade  
 E o olhar s'estendia perscrutante,  
     O mistério do mar  
     Buscando adivinhar...
- E a curva do horizonte  
 20 Circunscrevia um mundo,  
     Um infinito...  
 E a emoção do meu canto,  
     Que não fenece,  
 25     O peito meu jamais esquecer.

ALCINA DANTAS.

Feira, 13 [de março de 1]930.

## AMOR E AMORES

*À Mirinha lembrando o compromisso.*

“Amor puro e lealdoso”

Não recorre ao preâmbulo

É ouvido pelos olhos:

Em seu imenso poder

5                   E na magia

É entendido

E tem a primazia.

“Amor cantado”

Sai quente dos lábios

10                 Como um beijo;

O coração não conhece,

Não é perene,

Logo fenece.

“Amor a capricho”

15                 É sacrifício...

Dizer o que não sente,

É extravagância,

O que faz é desperdício.

Veloz como o tempo, se desfaz

20                 E esquece.

“Amor fingido”

Diz-se um céu

Constelado de estrelas verdes de esperança.

Uma aurora irizada de ideais

25                 Risonha de fantasias,

De ilusões e quimeras,  
 Cantada nos lábios,  
 Dura um dia, quando logra primazia.

“Amor sincero”, sem interesse,

- 30      É amor forte,  
         É eterno  
         Não fenece,  
         Sofre, luta e vence  
         Nunca esquece;  
 35      Não vacila,  
         Com a dúvida  
         Nem o infortúnio.

Amor à Pátria!”

- 40      Amor de esperança  
         E vitórias ...  
         Que palpita em nosso peito  
         Sempre forte, invencível  
         Luta com o sofrer  
         Vence, ganha,  
 45      Tudo alcança,  
         Com bonança.

25[de maio de 19]30.

ALCINA DANTAS.

## FLOR REJUVENESCE!

*Rejuvenesce, flor pendida e triste!*

Flor estranha

E vesperal,

Com pétalas de morte

E olor de eternidade,

5

Alma que brilhou

Como estrela

Na palidez astral,

Veio confundida

Numa nebulosa

10

De melancolia.

A juventude

Radiosa

Que te embalava,

Era no silêncio!

15

O teu viver

Era mistério...

De um ser etéreo

Estranho encanto.

Carinhosa,

20

Consoladora

E de um sorriso

Triste...

De inefável profundeza,

Tinhas a grandeza

25

De uma visão crepuscular.

O fulgor da alegria

Em ti sorria;

Tinhas a cadência

Do ariar do lago,

30      Na adolescência,  
          Quando a tarde morria.

          Pura, ingênua  
          E bela,

35      Na carícia  
          Do perfume  
          Rejuvenesce, oh! flor,  
          À penumbra do luar,  
          Com o teu encantar,  
          Com o teu divino olor.

ALCINA DANTAS.

14 [de março de 1]930.

## SE EU PUDESSE CANTAR... CANTARIA...

*Para o Eulálio Motta, o delicado poeta sentimental do “Se eu pudesse chorar... choraria”.*

- Hoje tudo chorava  
 Desde o sol que nascia,  
 Desde a flor que sorria...  
 Nada sentia alegria,  
 5 O dia numa triste calma  
 Daquela tristeza triste,  
 Em que se prendem os Poetas...  
 Se eu pudesse cantar... cantaria...  
 Tudo que ia na alma,  
 10 Que a dor não resistia,  
 Que o riso era a lágrima,  
 Que a lágrima era o orvalho,  
 Que brilhava soridente,  
 Na flor triste dos lábios.
- O meu “Piano” soluçava  
 15 As notas sentimentais  
 Que feriam fundo a alma  
 Fazendo gemer sorrindo,  
 Fazendo sorrir dormindo.  
 Se eu pudesse cantar... cantaria...  
 20 Em notas violinadas  
 Tudo, tudo de tristeza  
 Em noites enluaradas...  
 Mas... dentro em mim como um gemido  
 De uma guitarra tinindo

25 De uma harmonia sorrindo.  
Soluça a negra saudade!  
“Agora, se eu pudesse chorar...” choraria...

Mas... alegria que nasce  
Como uma estrela brilhante  
30 No céu do pensamento,  
Corre tremeluzindo  
E vai sorrindo...  
E vai fugindo... fugindo...  
“Se eu pudesse chorar... choraria...”  
35 Se eu pudesse cantar... cantaria...

ALCINA DANTAS.

Feira, 8 de Agosto de 1930.

## POR QUE?

*Para uma alma triste*

*Que vive num místico segredo.*

Por que te invadia a tristeza

Naquela tarde sombria,  
Quando o crepúsculo sorria?

5

Eu pensei que fosse em mim  
Que somente a dor morasse,  
E a tristeza inquietasse...

E por que tu não te esquivas  
Fugindo de uma amargura,  
Que a tua vida tortura?

10

Eu pensei que fosse em mim,  
Que o sofrer perdurasse  
E a mágoa sempre vivesse.

15

Por que te foge o sorriso,  
Que nos teus lábios diviso,  
Num viver sempre indeciso?

Eu pensei fosse de mim,  
Que o riso sempre fugiu  
Dês que a tristeza surgiu.

20

Por que vives tão sombrio  
Como se o pranto, dos olhos,  
Te corresse fio a fio...?

Eu pensei que fosse só em mim,  
Que vivesse o tormento angustioso,  
Do Destino cruel e caprichoso...

ALCINA DANTAS.

Feira, 15 [de agosto de 1]930.

### “ALMA DE LUZ...”

*Cantavas com voz de Guitarra  
Feita de beijos harmônicos.*

- O vertiginoso mistério dos astros,  
 Que ontem entrava, pela tua janela,  
 Eu vi sorrir uma estrela,  
 Enquanto a lua divina  
 5      Cantava uma canção de luz,  
 No teu porte que seduzia.  
 Em que um Piano em surdina  
 Derramava na tu’alma  
 Ondas de harmonia,  
 10     Tão vivas, de tanto encanto  
 Que sorriam os teus lábios  
 Em sinfonia.  
 E tu’alma transparecia  
 No cristal dos teus olhos.
- 15     E a lua sob um refolho de nuvens,  
 Numa alegria. Em gargalhada de luz,  
 Plagiava o dia,  
 Sorria entre as estrelas,  
 Porque sorria de amores.  
 20     Suspensa no azul do céu,  
 Como uma medalha de prata,  
 A procura do teu colo,  
 Que prende, fascina e mata!  
 E que também guarda um tesouro  
 25     Que uma outr’ora arrebata!

E o punhado de estrelas,  
 Que tremeluzia no opala,  
 Descia cromaticamente,  
 A imanar-se  
 30 Na alma desses teus olhos  
 Que brilham divinamente!

E a “borboleta de prata”  
 Que brilhava no vergel da noite,  
 Esvoaçava,  
 35 Com asas fosforescentes,  
 Iluminando o teu rosto,  
 Que prende, fascina e mata.  
 Cantavas, com voz de Guitarra,  
 Feita de beijos harmônicos,

40 Languida com as penumbra;  
 Os teus lábios sussurravam  
 Um segredo musical...  
 Ideal!  
 Era a luz que iluminava  
 45 Fugazmente o teu sorriso  
 Deixando um pensamento  
 Inteiramente indeciso.  
 Porque és feita de tudo que seduz  
 E tens a alma de luz...

ALCINA DANTAS.

Feira, 29 [de agosto de] 1930.

## “LUAR NEGRO”

*Agradecendo a “Silhueta de um ‘Luar Negro’”.*

Como uma placa de luz envolta à sombra  
Da noite, que se alarga na imensidade,  
A Lua, sentinelas distante sobre a terra,  
O olhar perscrutador, e de curiosidade

5      A revelar da noite o segredo que encerra  
Além a sombra triste d’um arvoredo...  
Um beijo que se afoga da curva nacarada  
De um lábio que tremula muito a medo...

Testemunha a “Lua negra” sempre risonha  
10     Aquele beijo que o amor alenta,  
E chora sorrindo, na lua tristonha...

E pede que também deponha,  
Naqueles lábios, o que, chorando, sonha –  
A dor que dia a dia cresce, aumenta.

ALCINA DANTAS.

### O TEU LIVRO:

*Escravo do meu querer!... Glória a ti, que és a  
sublimidade das criaturas!...*

Todo dia que passo, o teu livro revejo  
De páginas douradas, - um escrínio de luz  
Desperta no olhar, inconteste desejo.  
É... pedaço de ti, que em versos bons reluz.

5      O Teu “livro” doirado é tesouro bendito,  
É o sacrário que encerra a tu’alma a florir,  
Ao voltar uma página, revejo o infinito,  
Da tarde o enlanguescer, da manhã o sorrir.

10     Da noite no negror, é um astro a luzir,  
É um pedaço de oiro, o céu a encantar,  
O teu livro me faz, a mente confundir.

Tem da flor o perfume, os segredos do mar,  
Da brisa o doce alento, da noite a perpassar.  
Revendo esse teu livro, eu sinto a alma sorrir.

Feira, 22 de Agosto [de] 1931.

ALCINA DANTAS.

### POR TE QUERER:

Por te querer,

Vivo a sofrer

O meu constante e eterno padecer.

É te amar a jamais ter a ventura

5 De revelar este amor que me tortura!...

É sempre eterno o meu sofrer

Por te amar, e nada te "dizer"

Pois que amor

Tem a f ura,

10 De sofrer,

E padecer

De querer e não dizer,

De calar e de morrer... morrer!

Sofrer! e nada mais a revelar.

15 Sofrer! e consolar a minha dor.

Sofrer! por te querer, ele padece

Morrerá com o teu amor!... Amor!...

Por te amar

Eu sofrerei

20 E bem direi a dor no meu silêncio

Pra te dizer o que vai nesta minh'alma

Que tudo sofre numa tortura calma!...

Sempre a sofrer por te querer!

Padecendo sem nada te dizer.

25 Porque não tens um coração vazio.

Para o amor

Quer por ti sente

Um coração já descrente

Que por ti vive.

30

A morrer, a morrer, a morrer...

ALCINA DANTAS.

## POR TE DEIXAR

(Paródia).

Por te deixar  
 Sinto pesar!  
 Por meu intento e não te quis dizer.  
 Pois teu amor foi sempre uma tortura  
 Que ao peito meu trouxe amargura

5

Foi uma loucura em te querer.  
 Por te amar foi tudo em desprazer,  
 Foi venturosa  
 A hora em que pensei  
 Deixar o teu amor,  
 De esquecer-te  
 Fui tão ditosa!

10

Esquecer é o que faço sem temer  
 Esquecer! satisfazer um coração.  
 Esquecer! para mim será prazer.

15

Pois teu amor não quero.  
 Meu coração assim diz,  
 Que ainda será feliz,  
 Feliz...

ALCINA DANTAS.

## JARDIM DO MEU SERTÃO

*"Para a minha Glorita Fagundes, flor mimosa que habitno meu Sertão Itaberaba".*

Há no meu Sertão querido

    Um jardim;

De lindas flores mimosas.

Há neste jardim

5      Uma florita,

    Um jasmim,

    Digo:

    É a Glorita.

Parece até que fascina,

10     Esta florita menina;

    Pois é bonita!

    A minha Glorita!

À tarde quando o jardim,

Floresce com mais amor,

15     Ela tem todo frescor!

    É dos canteiros Rainha!

    Esta mimosa florinha,

    Pois é bonita!

    Minha Glorita!

20     Nas manhãs de primavera,

    Não tem encanto as boninas,

    Nem tão pouco as cravinas;

    Eu quisera que as flores,

    Lhe incensasse de primores

25     Essa florinha bonita

    Que lá no Sertão habita.

    Que não posso ocultar

    É a Glorita.

Na Corbelly do meu peito  
30      Eu tenho esta florita  
            Perfumando a todo instante.  
            É a minha flor predileta  
            E é bonita –  
            A minha Glorita.

ALCINA DANTAS.

Feira, 20 [de 5 maio de 1]933.

### “A LÁGRIMA DE CONCHITA DE JESUS”

Oh! lágrima cristalina e bendita!  
Que tremeu numa angústia dolorosa  
Na concha dos teus olhos oh! Conchita,  
Quando choravas, sorrindo, piedosa.

5      Lágrima santa – sangue da tu’ alma!  
Que refletiu na mudez do teu pranto.  
Eu quisera sofrer, e ter a palma  
De beijar a tua mão de encanto!

10     Oh! lágrima! Orvalho de perfume,  
Em ti toda doçura se resume.  
Lágrima de pureza sacrossanta,  
Tua inocência me fascina e me encanta

Vens, pela tua lágrima, oh! Conchita,  
Socorrer a minh’ alma tão aflita.

ALCINA DANTAS.

Feira, 18 [de outubro de 1]933.

## QUEM LUTA... VENCE!

*Só para “O Itaberaba”, meu irmão, amigo e patrício.*

Oito anos que se passam

Tu mais forte e venturoso!

Oh! “Itaberaba” querido

Tu és um jornal glorioso!

5 E tens na tua história

Muita luta... e vitória!

10

Quisera unir-me ao laço

Que prende à tua Bandeira

E na manhã alvissareira

Unir-me à passarada

Para fazer-te “Alvorada”!

E dar-te um forte abraço!

O prazer da tua glória

Mesmo de longe sinto

Hás de ganhar a vitória!

ALCINA DANTAS.

Feira, 15 de Abril de 1935.

## “AS ONDAS DOS TEUS CABELOS”

*À boa amiguinha Professorinha Hermengarda Oliveira.*

Ondas negras, que rolam preguiçosas,

Ondas que espraiam

E desmaiam!

Em volteios gentis

5

E sutis!

Negros caracóis em ondulações

Ligeiras;

E em perfumes envoltos,

10 Ondas brejeiras!

10

São os teus cabelos, encantadores

Mais que as próprias ondas

Feiticeiras

Quisera banhar-me no mar negro,

Que espraiam, as ondas perfumadas,

15

As ondas negras da tua cabeleira,

Que fascinam as doces madrugadas.

Quando banhara as noites

Enluaradas!

ALCINA DANTAS.

Feira de Santana.

## “CANÇÃO DA ROLA”

*“Aurinha Galvão, é pra ti, ouve”*

Em paragens sertanejas – .

Do peito triste e queixoso,  
A “Rola” um canto desata

De peito a dor que espedeça  
5 Segreda a sua tortura,  
Ao regato que murmura!

No canto oculta o sentir  
E tudo que vai passando...  
A “Rola” sofre cantando

10 A triste canção do amor  
De que o peito é ferido  
A “Rola” canta em gemido!

ALCINA DANTAS.

Feira, 1935.

## “ROSAS BRANCAS”

*Sorrindo como um luar de prata.*

Oh! brancas rosas de grandeza tanta!  
Tens pureza simbólica de santa.

Presas num galho, num verde a sorrir,  
Confirmam viver, ter alma e sentir.

5      Rosas brancas, sorriso da natura,  
Beleza célica onde o amor perdura.

Filhos do prado, és rainha do céu,  
Gotas de luzes, ou virgens num véu.

10     Flocos de nuvens, lírios no regaço,  
Estrelas n'amplidão num grande abraço.

Rosas brancas, espuma de cascata,  
Raíos de sol em lâminas de prata.

Tens a essência do amor em vibração  
Oh! rosas brancas do meu coração.

Feira, 17 [de fevereiro de]1937.

ALCINA DANTAS.

N 4179 – 1 – 1 – P

## “O TEU RAMALHETE DE VERSOS”

*Flores, que a viração do teu pensamento,  
tanges na ourbelly do meu peito!*

Queria ter graça, e também ter poesia  
P'ra formar um conjunto perfumado,  
De flores, de versos, de harmonia.

Na lira terna e suave que circunda

5 Tua fronte de Poeta acrisolado,  
Onde a lírica poesia se aprofunda.

O sentimento infinito que esmalta,

Dourando o teu sublime coração...

Com brilho prende cativa e arrebata,

10 Do meu peito a mais eterna gratidão!

ALCINA DANTAS.

Março 1937.

N.4195 – 1 – 1

## “NÃO SEI POR QUE...”

*“Deijinha Doria, escute aqui, só para você, e a sua simpatia natural”.*

- Não sei por que  
 Você não se esquece de mim?  
 Eu o aborreço tanto!  
 Mas... lhe quero um bem...  
 5 Sem-fim!

E você que me odeia  
 Diz que sou má,  
 Que não me quer,  
 E por que pergunta por mim?

- 10 Eu lhe odeio tanto, tanto...  
 Que se pudesse,  
 E você quisesse,  
 Estaria bem, junto a mim...

- Eu cá,  
 15 Você lá,  
 Afastados sim!  
 E pelo destino, ligados  
 Para sempre...  
 Sempre... sempre  
 20 Assim,  
 Você perguntando por mim.

Mas se eu gosto  
 De você  
 E lhe odeio tanto...

25 E por que pergunta por mim?

Será que me quer ver?  
E eu fujo tanto de você...  
Sim,  
É porque não o quero ver.  
30 Mas lhe quero tanto bem,  
Que se pudesse  
Só vivia p'ra você.

E por que não me esquece?  
E por que não me odeia!  
35 Olhe:  
Me queira tanto,  
Como eu quero a você,  
Eu o odeio e o quero.  
Tanto! Tanto!  
40 Que mesmo chorando  
Canto! Canto!  
Não sei por que.  
Será com saudades de você?

Não pergunte por mim!  
45 Que o odeio, e não o quero ver,  
E tenho tantas saudades  
De Você!...

ALCINA DANTAS.

Feira, 28 de Março de 1937.

N. 1701- 1-1

## “BOUQUET DE ROSAS”

*(Para o bom amigo R[oque] Fagundes e ao  
“O ITABERABA” querido, com votos de Boas Festas).*

Este bouquet de rosas,  
Que hoje daqui te envio,  
Vai repleto de ternura...  
Em cada pétala – um sorriso

5 Em cada folha – uma esperança  
E no perfume eu diviso  
A candura e a bonança.

10 Companheiras hoje aí  
Contigo para formarem,  
Um conjunto, uma grinalda  
E do Feliz Ano-Novo  
A sua fronte adornarem.

Depois a ti cantarão  
Mil votos de Boas-Festas  
15 E felicidades futuras,  
Repletas de mil venturas.

ALCINA DANTAS.

Feira, 1 [de janeiro de 1]940.

### “JOIAS BENDITAS”

*“Ao Poeta que admiro, as  
joias benditas do se pensamento,  
raras preciosidades do seu  
cérebro; borbotões de estrelas,  
em cascata de luz, sorrisos de  
alvorada em harmonias de prata.  
Benditas e sempre benditas são  
as joias dos pensamentos seus,  
Poeta que eu admiro.”*

“Joias benditas” são as ideias do teu pensar,  
Harmonias do teu cérebro de encantar  
“Joias benditas” possuis na tu’alma quase santa  
Alma divina, onde a bondade alegre canta!

5

“Joias benditas” eu vejo no teu coração,  
Assim tão cheio de amor, de ternura e afeição.

10

“Joias benditas” tens sempre a brilhar e a fremir,  
Na tu’a musa que vive a cantar, e a sorrir.

“Joias benditas” são os teus versos primorosos  
Que do teu pensamento desprendem luminosos

ALCINA DANTAS.

Feira de Santana.

## QUE IMPORTA

*"Palpitam flores, estremecem ninhos  
E o sol do amor que não entrava outrora!  
Entra doirando a areia dos caminhos!".*

Mas, que importa se a trilha foi de fogo,

Quando o azul do Céu é infinito?

Que importa se a vontade subjugue,

Se a esperança tem sonhar bendito?

5 O destino assim mais nos surpreende,

Florescendo mais d'ouro o sol da vida,

Como o sussurrar d'asas em guarida!

10 As correntes mais fortes mais se apertam,  
Pelo espaço os olhares mais se alargam  
E em doce comunhão se compreendem....

ALCINA DANTAS.

Feira, Julho de 1940.

N.5122 – 1 – 1

### “MISTÉRIOS DA POESIA”

No côncavo das puras magnólias,  
Gorjeiam colibris poema de amor,  
Despertam a alegria da manhã,  
Em dílcido esplendor!  
5 Violetas, cravos e papoulas.  
Lívidas balouçam,  
Divertindo libélulas...  
Acácia branca de inocência  
Na fragrância matutina,  
Suave, meiga, terna e divina,  
10 Tem mais opulência e mais fulgor  
E os poetas transbordam-se de ideias  
E cantam sublimes epopeias  
Das glórias suas nos prérios do amor.

### “PEDAÇOS”

Nos esplendores dum Sol de verão  
 Mistura-se a Natura deslumbrante,  
 Como outro Sol, no céu, jorrando luz  
 O pensamento teu – força criadora,  
 Glorificando o triunfo da canção  
 5 Da sua canção ingente e sedutora...

É sonho langoroso e bem pungente  
 De vagas que espreguiçam-se ao sol poente  
 Aos raios d'ouro e de beleza e graça  
 10 Estimulando a Glória... a sedução,  
 Qual centelha de amor no coração...

Asas frementes, lépidas no espaço,  
 Voejam num romantismo já imortal...  
 Estrelas n'amplidão, num grande abraço,  
 15 Num abraço sagrado e original.

ALCINA DANTAS.

Feira, 1940.

## AS TORCEDORAS ITABERABENSES

*Letra e música de ALCINA DANTAS.*

Somos as torcedoras  
Viemos triunfar  
Ipi! Ipi! Urra!  
Vamos juntas exaltar!

- 5      Ipi! Ipi! Urra!  
Cantemos alegremente.  
Com nosso “time”  
Vamos torcer  
P’ra vencer.
- 10     Cantemos alegres  
Para a vitória alcançar  
Ipi! Ipi! Urra!  
Vamos alegremente  
Triunfar.

## UM SINO CANTA!

*(Em memória do nosso saudoso Poeta Feirense, o Genial Aloísio Resende).*

Eu tenho a alma em soluços lacrimosos  
 Carpindo dor, saudade da poesia  
 Da tua lira tão rica em melodia...  
 Dos teus versos vibrantes e harmoniosos.

5      Eram eles acordes de harmonia,  
 Belos filhos dos teus sonhos grandiosos,  
 Quando o destino em sopros mentirosos,  
 Feria-te a alma, o gênio então bramia.

10     E por isso ainda cedo, forte e crente,  
 Quando a fantasia loira e resplandente  
 Mais filigranas d'ouro em ti expandia...

Quando o talento em luz adamantina  
 Voava contigo em asa cristalina,  
 A negra morte os passos te cingia.

ALCINA DANTAS.

Feira, 30 [de janeiro de 1]941.

## "AOS TEUS OLHOS"

*"Admirar... o belo! ..."*

Olhos de luz, de lúcida beleza...  
 Olhos de amor, de crença e de esperança...  
 Olhos que nos despertam a lembrança  
 Do encantamento célico em Veneza.

5 Olhar sublime e calmo que seduz,  
 Assim, jorrando borbotões de luz.

Clarão divino iluminando tudo!  
 Olhar que fala e, sem falar, traduz  
 A agonia de Jesus, gemido mudo,  
 10 Sua lágrima final, morrendo à cruz.

Estrelas fulgurantes n'amplidão.  
 Centelhas diamantinas... doce luz,  
 Desse sol tropical que nos seduz  
 Para idílios febris, lá no sertão.

15 Teus olhos, oh! fanal de muitas vidas!  
 São silêncio, mistério, aroma e flor;  
 São harmonias de glórias repetidas,  
 Porque, sem falar, só dizem amor.

ALCINA DANTAS.

Feira de S[an]tana, 1941.

## “VELHA PALMEIRA”

*Em honra ao dia 3 de Maio!*

Oh! velha e triste palmeira,  
 Eu sempre te vi assim.  
 Neste tremer sem ter fim,  
 Acenando p’ra amplidão!  
 5      E sempre ao açoite da brisa,  
 Parece que dás um grito,  
 Com os braços p’ru Infinito  
 E a sombra caída ao chão.

Balouças triste palmeira!  
 10     Vejo teus leques ao espaço,  
 Qual do Infinito um regaço  
 Que a natureza formou.  
 Mas sempre o vento malvado  
 Inquieta sem pena tu’ alma  
 15     Como assim se fosse a palma  
 da paz que nunca gozou.

Será por certo que Deus,  
 Oh! triste e velha palmeira,  
 Minha infeliz companheira,  
 20     Nunca se lembre de ti?  
 Porque Ele deixa sofrer  
 A tu’ alma assim todo instante,  
 Num tremular estalante,  
 Entre ais que nunca ouvi?  
 25     Ergue os teus braços, palmeira,

Como só a Deus implorasse  
Que o vento aí não passasse  
Roubando-te a paz, o amor!  
Pois até a ave de longe

- 30 Despreza abrigo em teu seio,  
Só com medo, com receio,  
De partilhar da tua dor!

Eu já te vejo desfeita,  
Cambaleando no espaço,  
35 Mostrando tanto cansaço,  
Entre gemidos e ais!

A vida, velha palmeira,  
Muita igualdade aos deu;  
Teu viver é o mesmo meu...

- 40 Nossas sínas são iguais.

Porém tu, velha palmeira,  
Mostras que és indiferente  
As dores que o mundo sente  
Porque não sabe sofrer,

- 45 Tu, minha fiel companheira,  
Vivo, como tu, as incertezas,  
Cantarolando a tristeza  
Que me conforta morrer.

ALCINA DANTAS.

## LENDÔ

*(Lendo “Minha Coluna” do “O Itaberaba”).*

Na divinal constelação do pensamento...

Do teu estro rutilante... da tua bela musa...

Ouvi a murmurejar, a me fazer confusa,

Um bailado sonoro, um jorrar de poesia...

- 5      Um sublime manancial de sentimento,  
De doce encanto, qual divina eucaristia,  
Na essência lirial d’uma bela fantasia!...

Como plasmam os sonhos...

N’um lençol de espumas prateadas,

- 10     Aonde espaia a sonâmbula do espaço,  
Em dúlcidas alvoradas!  
Poeira de estrelas, de encanto e de luz!

Doçura que empolga,

Harmonia que seduz!

- 15     Que doce encanto!  
Que eucaristia!  
Na essência lirial daquela fantasia!

Glória à bela poesia que te envolve no regaço!

Do crepúsculo, aos clarões das madrugadas!

- 20     Do pensamento a divinal constelação,  
Onde ouço assim bailando sempre a tua musa.

Como é bom se ser Poeta!...

ALCINA DANTAS.  
Feira, 4 [de abril de]1942.

## AO MÊS DE MAIO

Maio! A Natureza sorri de satisfação  
e te recebe num grande abraço de luz.  
E tu, em cada canto, vais deixando  
flores em profusão.

- 5      E as flores um perfume gostoso vão largando  
que a todos encanta e seduz.

Maio! mês de flores, hinos e glória,  
tu surgiste cantando vitória...  
trazendo ideais risonhos,  
sorrisos liriais e sonhos  
para os corações que sentem amor,

- Maio! és para os que vivem na faina do trabalho  
o mês dos cânticos magistrais de glória.  
E para os que espiam da fome o espantalho  
15     é da crença e da esperança a luz.  
Ainda és o mês dos célicos prenúncios de vitória  
para os que em meio aos tormentos e agonia  
sem temer dos maus a tirania,  
ou dos tiranos a maldade,  
porfiam na luta  
salvando a liberdade.

- Maio! mês de devoções...  
de culto à fé, à esperança, à caridade;  
de respeito ao direito e amor à liberdade.  
25     Deus quis por templo a Natureza  
neste mês de infinita grandeza,  
quando inspira tais sentimentos às multidões.

Maio! mês de glórias, mês de flores,  
quem não te ama? Os traidores!...

30 Os que negam o próprio Deus;  
os que mentem à própria consciência  
e enganam os próprios irmãos seus...

É de Deus a Natureza  
e somente ela te dá beleza...  
35 é teu todo encanto que ela tem.  
Assim, quem odeia Deus,  
odeia a Natureza,  
e, por conseguinte, odeia a ti também.

Mas eu te admiro, Maio, e te amo ainda,  
40 porque és um complexo de alegria;  
se és das flores o mês, és também o de Maria,  
A Rosa de Jericó, a pérola do céu  
que agora tudo envolve na pureza de um véu.

ALCINA DANTAS.

Feira, 3 [de maio de 1]942.

## “ LUA BENDITA ”

*“Hóstia de luz suspensa no Infinito”.*

Dai-me a comunhão  
 Oh! tu cheia de graça e beleza!  
 De clarão, de docura e de glória,  
 Que hoje no altar da Natureza,  
 Estás

- 5      Para as festas da vitória!  
 Oh! Magnólia do céu  
 Oh! Lua cheia de primores.  
 Vem ouvir o meu canto  
 O meu sofrer, o meu pranto.
- 10     Minha tortura  
 Minha imensa amargura!...
- Sinto o desejo de vibrar n'alma  
 A carência dos teus beijos de prata,  
 E a canção que desprendes, aos risos estrelares,
- 15     Oh! tu radiosa imagem da amplidão!  
 Sonata bendita ouve o canto dos poetas  
 Arma luminosa de duas setas,  
 Ao ferir a alma e o coração.  
 Vem oh! Lua dos meus cismares...
- 20     Quero ouvir a tua harmonia, em turbilhão de cascata  
 Deixa as plagas do azul negro do infinito,  
 Vem! oh! Lua com o teu sonhar bendito  
 Oh! tu rosa de prata do Jardim do Céu,  
 Espargir sobre a terra os ramalhetes luminosos.
- 25     Dos teus sorrisos, melodias cristalizadas,

Que nos empolga em altas madrugadas.  
 Vem estontear de carícias a minha'lma,  
 Oh! tu flama rendilhada ouve o meu hino  
 Que meu peito canta ao encanto teu.

30 Poesia do Céu sonâmbula de luz,  
 De luz alcandorada, és meu doce refrigério,  
 Heroína, tu tens algo de mistério,  
 Que prende, e dulcifica a minha vida quase tua.

35 Rasga da noite o denso véu,  
 Vens ouvir aqui os meus queixumes  
 “*Hóstia de luz*” abre o sacrário do Infinito  
 Dá-me a Comunhão.  
 E a Extrema-unção  
 Do teu beijo que traduz  
 Muito amor  
 E muita luz

40

ALCINA DANTAS.

Às 7 ½ da noite, fitando a Lua Cheia

Feira, 28 [de junho de 1]942.

### “AGRADÁVEL SURPRESA”

*“Num agradecimento sincero ao estro delicado do jovem  
Edgard Vasconcellos, nos seus belíssimos versos dedicados  
à minha humilde pessoa.”*

Um bailado sutil de ondas mansas,  
U'a revoada de pétalas... de flores  
Alguns risos harmônicos de anjos,  
Ou lirismo plangente dos amores!

5

Versos bonitos

Versos benditos!

10

Gorjeios matinais dos passarinhos...  
Rouxinoleios, mágicos, maviosos....  
Oderantes perfumes de corolas  
Impregnando os astros luminosos!

Versos bonitos

Versos benditos!

15

Ceivas de luz jorrando melodias  
A encantar e depois a seduzir!  
Estrelas desgarradas do Infinito,  
Em apoteose célica a sorrir!

20

Versos bonitos oh! versos benditos!  
Glória do teu estro rico e divinal!  
Filigranas de oiro, raios de luz,  
De farta luz, soberba e genial.

ALCINA DANTAS.

Feira, Dezembro de [19]42.

## GOSTO DE SENTIR

*À Florísia Arlete, poetisa a florir as colunas do nosso jornal – “Folha do Norte”.*

Gosto de sentir o perfume dos teus versos.

Feitos da luz sublime da tua imaginação!

Teus Florísia, a poesia de encantar;

Em cada verso flor a perfumar.

5 O céu, a terra , a viração,

O mar.

Florísia! Teu nome prende...

É flor de sublime encantamento!

Quem diz teu nome – tem a flor nos lábios –

Quem lê teus versos fita o Firmamento.

10 Na festa virginal da madrugada,

És a flor de mais encanto entre as flores,

És marulhos das cataratas.

E da orquestraçāo da[s] passaradas,

Os mimos, os primores,

15 Florísia! tu arrebatas!

Gosto de te ver sempre florir,

Gosto de te ver sempre a cantar:

Flor que canta e que sorri

Vivendo com a poesia a brincar.

20 Tens no teu sorriso a alvorada;

És enfim a poesia em harpejos orquestrada

Gosto de sentir o perfume dos teus versos

Feitos da luz cristalina da alvorada

Com ritmos de orquestrações  
25 Sob vibrantes aclamações da passarada.

ALCINA DANTAS.

Feira 10 [de janeiro de] 1943.

## O MANACÁ

*Para “O Itaberaba” – Flor pequena de grande perfume.*

O Manacá desponta soridente  
Revestido de um roxo de encantar,  
E seus botões se vão desabrochando  
Fazendo tudo... tudo delirar...

5      E quando vem surgindo o arrebol  
          Ele fica sorrindo e perfumando  
          Toda campina, a terra, o céu, o sol.

Vem mostrando corolas matizadas,  
Mas o brilho do sol lhes vai doutorando.  
10     E a linda cor fica desmaiando.

Ele exala um aroma puro e santo,  
Quando a brisa o balança de mansinho,  
Embalando de leve com carinho.  
Seus pés verdes mesclados de lilá  
15     Ele dá a natureza mais encanto,  
          O mundo enche-se todo de prazer.  
          O orvalho dá-lhe um beijo ao amanhecer...  
          Nos seus galhos gorjeia alegre o sabiá.

É a flor que me fascina o coração...  
20     É a flor mais... pequenina do Sertão.

ALCINA DANTAS.

Feira, 20 de Novembro.

## O BICHO DA ENCRUZILHADA

Meia noite já vai dar,  
Corria o povo assustado,  
Em procura do “bicho”  
Que aparecia na encruzilhada.

5      A “lua” sorria no céu,  
Fazendo mesmo careta.  
Trocando de Zé Romão  
Que de cacete na mão,  
Ficava atrás do Zé Zambêta.

10     Gritou um Vocês esperem;  
Já vejo quebrar o mato,  
O “bicho” parece gato  
E vem rente com o chão.  
Prepara o laço João!

15     Cerca lá, seu Zé Romão  
Vocês não sabem o que é  
O “bicho” que aqui aparece,  
Quando da meia noite!  
Ele urra forte e até

20     Assombra o mundo inteiro,  
Queremos ver se hoje, enfim,  
Deixam-no passar por fora.  
Vocês com tanto medo assim...  
Meia noite! olhos atentos,

25     O galo canta e recanta,  
De olhos vivos, medrosos,  
Lá na encruzilhada

- Ouve-se forte gargalhada.  
Assombra *seu* Zé Romão  
30 Corre atrás o Zé Zambêta  
Uma formidável peta!  
Um engano! uma vaia!  
Sabem o quê?  
Um homem de saia!...
- 35 Agora, por que os homens  
Só se encorajam quando vestem saia ?

ALCINA DANTAS.

## NO ROÇADO

- Jogo fogo no roçado  
 Capinado,  
 E estocado.  
 Cisco a terra, cavo, cavo;  
 5 Planto o milho e o feijão  
 Pr'a S. João.
- Chego terra á aboboreira  
 Que enrama.  
 Já floresce a batateira, e o mangalô  
 10 Se espreguiça,  
 Aponta a rama.  
 Toma pé o maxixeiro.  
 O quiabeiro mostra flor,  
 O sol ardente  
 15 E a formiga que é o terror lá no roçado;  
 “Zé Vicente” fica triste, e descontente;  
 Soca bem o formigueiro  
 Bota folha no buraco,  
 E apanha o caco  
 20 Do veneno no fumeiro.  
 A lagarta dá no fumo  
 Chama a velha p'ra catar.  
 E replantar, este fumo lá de baixo  
 Ele não dá p'ra cortar.  
 25 O lugar deste roçado não foi bom p'ra se aplantar.  
 O milho nasce, a lagarta vem cortar;  
 A mandioca aponta a folha, mas não pode levantar;

- Oh! meu Deus. Como se pode  
Assim a vida começar?
- 30   Tudo, tudo que se planta  
Pode nunca adiantar?  
Que a formiga vem cortar.  
Vou falar com o meu patrão  
Para mandar foliar.
- 35   Que a terra sem esterco,  
Não se deve arrendar.  
É p'ra não se ignorar...  
Que o homem sem *mulher*  
Não se pode governar:
- 40   Que roçado sem semente,  
Já não pode adiantar;  
O Zé Vicente está triste,  
Assim não há trabalhar;  
Esta *peste* quem resiste?
- 45   Quem não tem *fole*  
Também não pode foliar.  
A formiga tudo come  
    O que se pode plantar?  
Vou mandar é a “*mulher*”
- 50   Pr'a cidade... *passear...*  
Que ali é que se come  
Mesmo assim sem trabalhar; esta vida cá na roça
- Eu já não posso aturar! ...  
É morrer de trabalhar,
- 55   E não tendo que gozar?  
Eu já disse, e confirmo, vou deixar de pelejar,
- Que hoje em dia quem não tem...  
É que mais...goza “Cruzeiro”,  
e não vintém.
- 60   Seu Tiberio “já” deixou de viver a trabalhar

Pois botou *Sinhá Naninha*, na cidade  
p'ra ganhar,

Já não quero mais roçado,  
Vou comer hoje deitado...

65      *A mulher... que... vá... ganhar...*

ALCINA DANTAS.

Feira, 1[de abril de ]1943.

## O PANDEIRO

*Ao Corpo gráfico da Folha do Norte.*

Alegre farofeiro

É o pandeiro

No terreiro.

Lá no samba,

5 Quando canta

Zengue... zengue...

Ele é “Rei”,

E a Viola

É a “Rainha”,

10 E o Criado

“Beribáu”:

Uáu...uáu

Sapateia

No terreiro

15 O caipira,

E o “Pandeiro”,

Tem o grito

Tão bonito,

Que parece

20 A Araponga

Quando canta

Lá no brejo.

O “Caipira”

Pula mais

25 Que um cabrito

No chiqueiro.

É alegre e farofeiro

O Pandeiro,

Zengue... zengue...

30 No Terreiro,

- Faz o corte lá no samba;  
E governa o ano inteiro, o terreiro  
Alvoraça  
O Caipira  
35 Que atira  
Lá no canto  
A Viola.  
O Pandeiro  
Canta alegre  
40 Prazenteiro,  
Zengue... zengue...  
E a Viola  
Que é a Rainha,  
Fica mais  
45 Que uma Santinha  
Da Capela  
Na Tapera.

ALCINA DANTAS.

## “CABOCLO DO SERTÃO”

*Uma homenagem ao “Itaberaba” pelo seu  
natal 20 de Novembro – 1944.*

- Levanta o chapéu, caboclo,  
Rasga das nuvens o véu,  
Ergue teus olhos ao céu  
E leva a Deus uma prece!
- 5      Repara, o rio está seco!  
Não vês? O sol lento declina,  
Mas queima toda campina  
E tudo, tudo fenece.
- Curva teus joelhos, caboclo!  
– Fazes com fé e com amor!  
Que Deus escuta tua dor  
E vai a lágrima enxugar;  
Nem uma flor alvorece!  
O sol devora a floresta,
- 10     Da campina nada resta,  
Nem u’ a folha a tremular.
- Levanta os braços, caboclo,  
Qual duas palmas ao vento,  
Mostra a Deus o sofrimento
- 15     Dessa gente do sertão.  
Não há mais água na cacimba,  
O riacho já não corre  
E o gado de sede morre...  
Faz cortar o coração.
- 20     Ergue tua fronte caboclo,  
Limpa a lágrima, o suor,  
Esmorecer é bem pior,

Meu pobre trabalhador;  
Lembra-te da hora que estamos,  
30 Trabalha, cavando a terra,  
Que tua vida em si se encerra  
Pelo bem comum mui amor.

Alteia a tua voz, caboclo,  
Ponha-te de pé a marchar.  
35 Procuras ainda salvar  
Essa gente do sertão;  
Eu sei, o sofrer é demais...  
Marchando em meio à poeira,  
Com os pés na quente areia,  
40 Sem a paz no coração

Manda tua prece caboclo,  
Nas asas do sofrimento  
Manda a Deus o teu lamento  
Em forma de oração;  
45 E nestes martírios teus,  
Ergue teus olhos a Deus,  
Oh! Caboclo do Sertão.

ALCINA DANTAS.

Feira de S[an]t[a]na, 15 [de novembro de]1944.

### “ LUA FEITICEIRA”

*A Galeno D' Avelirio, Poeta dos Astros.*

Alegre no Firmamento,  
Sorrindo toda vaidosa  
A lua brincando estava;  
E da fina teia de prata,  
5 Que a nuvem lhe envolia,  
A feiticeira fugia.

Neste alegre entretimento  
Senti a tristeza fugir;  
Deixando livre minh'alma  
10 Que ao longe alguém buscava;  
E a praia azul fitando,  
Quando alva espuma espraiava,  
Vi com a lua que brincava  
Uma onda de amor no céu rolando

15 Brincalhona e bem ligeira  
Ficava a sorrir brejeira  
Num brinquedo de criança;  
E numa doçura calma,

Senti o ânimo morrer,  
20 Pensando na crueldade  
Que seu sorrir de maldade  
Possa amanhã me trazer.

De ALCINA DANTAS.

Feira, 10 [de] Fevereiro [de] 1945.

## “A VIOLA E A CANÇÃO”

*CECY, Itaberaba –de certo que sabes quanto é encantadora uma noite de lua no nosso Sertão...*

Ai se eu fosse a noite em que a viola  
 Passa triste a soluçar uma canção,  
 Quando a lua o seu manto desenrola  
 Com um riso de amor na solidão.

5      S' eu fosse o espaço que envolve a canção,  
 Que subindo d' terra beija a lua,  
 Minh'alma tocaria n'amplidão  
 Para dizer: Sou tua, meu amor, sou tua.

10     E s'eu fosse a viola e tu a noite triste,  
 Em prece uma canção te cantaria,  
 E do meu peito tudo quanto existe  
 A minh'alma em segredos te diria.

15     Mas, sempre a noite passa e em surdina  
 Passa a canção nas cordas da viola,  
 E numa harmonia sem igual divina  
 Ela se esvai e na solidão a evola.

20     Sinto a melancolia d'uma saudade...  
 E a noite e a vida e a canção  
 Com um misto de amor e crueldade,  
 Vão deixando min'alma em contrição.

Fico a rever as sombras do passado,  
 Quebrando minhas luzes do porvir  
 Quando a viola passando em triste fado  
 Aumenta minha dor e meu sentir.

Feira, 28 [de fevereiro de] 1946.

ALCINA DANTAS.

### VERSOS ÍNTIMOS

*Noca, bem comprehedes o que vai em nosso eu quando sentimos o pensamento cantar chorando...*

Estrela que fugiu dos meus afetos,  
Porque levaste a minh'alma contigo  
Deixando a carpir tão duro castigo?

Vivo a sofrer e a saudade perdura...

5                   Tudo que vejo faz-me ouvir tua voz,  
E assim, crescendo vai a saudade atroz.

Relembro o teu sorriso de harmonia  
Em que tinhas minh'alma sempre presa  
A cantar numa tão louca alegria!...

10                  E as horas, e os dias vão passando...  
Mas a saudade ficou, entrelaçando  
No meu peito, a minh'alma torturando.

ALCINA DANTAS.

N.7769-1-1.

### “DUAS ESTRELAS”

*Bendito seja a luz  
Deste(s) teus olhos brilhantes!  
(A pedido).*

Um “par” de olhos bonitos,  
Duas estrelas formaram;  
Neste teu rosto moreno,  
Que os meus olhos fitaram!

5      Me levaram a pecar  
Um pecado tão bendito...  
Em mirar um “par” de estrelas  
Em teu rosto tão bonito!...

10     Te perdoo este pecado,  
Que os teus olhos cometeram  
Fazendo-me pecar também!

Se tu não és o culpado  
Do mal que os teus olhos fizeram,  
É das estrelas que vem...

ALCINA DANTAS.

Feira, 24 de Dezembro de 1956.

N°. 47-1-1

### “UM POUCO DE TUDO TEU”

*Escreve Alcina Dantas, para a amiga Jana Carneiro, agradecendo a sua delicada visita.*

A melodia suspirosa do Crepúsculo,  
 É onda que emerge a’lma de martírio!  
 Ilumina pelo clarão da noite calma,  
 O sorrir, imaculado, a palidez do Lírio!...

5      E o teu olhar na confidência dos sonhos,  
       É olhar de indulgência e perdão...  
       É olhar de afeto, e carícia,  
       É olhar que inunda coração...

10     A emoção da tu’alma, e – tremular –  
       É como se ouvir sussurro de brisa,  
       Levando uma pena a voar!

Um pouco de tudo teu – é fascinar!  
 Um pouco de tudo teu, harmonias!  
 Há nos teus olhos – mistérios de encantar.

Feira, 24 de [julho de 1]957.

N.555-1-1

## “PRINCESINHA DA GRAÇA”

*Homenagem à Graciosa Marquise Jales;  
Alcina Dantas, com muita admiração.*

Quiseram ontem, hoje e amanhã ainda,  
Que fosses Princesa da graça, e simpatia;  
Te fizeram brilhar, como fios de luz,  
De luz refulgente, de irradiação infinda!

Tinhas no sorrir, sonoridade de cristal!  
Tudo em ti, música e poesia do belo!  
E na graça, encanto de luar!  
E a pureza da beleza floral!

O mar, deu-te fios de pérolas, a enfeitar-te os beijos  
As estrelas confundiam com o ofuscar dos teus olhos;  
A noite a florir, os teus encantos em arpejos,  
De beijar as tuas faces, as rosas brincavam.  
E a fragrância dos perfumes te incensavam!

E a tua beleza juvenil balsamisante,  
Não empanava o cenário amplo, da tua glória;  
O céu azul emoldurava-te com o estrelar.  
E os corações, palpitavam em te ver brilhar!

Feira, 30 de Abril de 1957.

N.281-1-1

### “EU VI O PARDAL”

*Escrevendo Alcina D(antas) com agradecimento ao S[enho]r Anacleto C[arvalho] o delicado Soneto.*

Sobre um ramo florido do enorme carvalho,  
 Um Pardal ruflando asas cantarolava;  
 Saudando um “Poeta” que também cantava  
 O Dia, o Sol, a manhã de orvalho!

5      Esplendores da Natura, lhe falavam de amores;  
       O Pardal cantava à manhã radiante,  
       Uma sonata lírica, e sonorizante,  
       O Sol, transluminava, o céu era todo flores.

10     Assim ruflando asas, e cantando amores,  
       Eu vi o “Pardal” que fugiu um dia...  
       Num ramo florido, a embriagar de odores

Espalmando pelo espaço num voo gracioso,  
 Gorjeava uma canção eu via.  
 Saudando alegremente o dia majestoso!..

5 de novembro de [1]957.

N.717 1-1

## FLOR E SANTA!

*De Alcina Dantas à  
Professora] Helena Assis,  
pela passagem do seu natalício 21[de maio de 1]957.*

“Flor!” Disse um dia um Poeta  
Bendita é a flor que te enfeita  
Flor é o teu beijo, e sendo flor,  
Desperta aroma sedutor!

- 5           Flor! é o teu riso que adoro!  
Flor! de suavidade e aroma!  
Tens encanto que inebria,  
E prende à minh’alegria!
- 10          Bendita é a flor do teu sorriso!  
Bendita flor – tua carícia!  
Tens do belo, à delícia!
- Linda flor! de perfume indeciso  
Tens magia que encanta!  
Neste sorrir de Flor, e Santa.

21 de Maio [de] 1957.

N.832-1-1

## “A GRAÇA DO TEU SORRISO”

*De Alcina Dantas  
P[ara] Celia B.*

É um sol, sorrindo na alvorada,  
 Num gargalhar de luz;  
 Cromatizando encantos,  
 E harmonias que seduz!...

5      Despertando esplendores,  
       De graça, e sedução;  
       Que sorrias sempre assim,  
       Assim, para o meu coração.

10     Eu sinto o calor do teu riso.  
       Brincando de cativar;  
       Como um sol ao monte a enfeitar!.

E tudo que inebria, eu diviso,  
 Encantos que em ti, vejo brilhar,  
 O teu coração a gargalhar.

29 de Dezembro [de] 1956.

N.55-1-1

## “DEIXAS”

*De Alcina Dantas.*

Deixas que eu te fale de mansinho,  
Deixas que minh’alma te confesse;  
Que és a fulguração divina dos meus sonhos,  
E o murmúrio, da minha prece!

5 Deixas, que eu só, cristalize a tua graça!  
E a púrpura dos poentes, te faça dominante.  
Que eu cante as belezas que te enfeitam...  
E os arroubos da tu’alma fascinante!

10 Deixas que a minha lira, cante só a ti;  
Que és ambrosia de riso e dos amores  
E Alvorada deslumbrante de fulgores!

Deixas que eu cante o que sofri,  
Sem ver dos teus olhos, a luz luminosa,  
Sem ouvir o bailado desta voz maviosa!.

Feira, 8 [de fevereiro de 1]957.

N. 148-1-1

## “SAPATINHO DO POETA”

*Para os Poetas Anacleto C[arvalho] e Carlos Pires.*

No Sapatinho do Poeta  
Qual o presente cabe?

5

No Sapatinho do Poeta,  
Não sei mesmo se ele sabe...

10

Cabe a poesia,  
Cabe um verso,  
Cabe um luar,  
E um sorriso do dia.  
Também cabe um poema,  
Cantando à madrugada,  
Aos beijos da passarada;  
Cabe a melodia,  
Do rouxinol,  
Ao Florir do arrebol!..  
No Sapatinho do Poeta...  
Tudo cabe,

15

Cabe também em surdina

Boas – Festas de Alcina.

Feira, 23 de Dezembro de 1957.

N.826-1-1

## “O SOL DO TEU DIA”

*Alcina Dantas, em Homenagem ao transcurso do natalício de Ruy B[arbosa] 5 de Novembro de 1957.*

Na eloquência da sua vibrante palavra  
 O grande “Gênio modelar” e fulgurante,  
 Em borbotões, a glória lhe mostrava,  
 A sua cultura, e talento emocionante!

5      Empolgante Imaginação de Ruy, era-lida  
       Cantando a constância, o dever.  
       A Fé, era a sua própria vida.  
       A buscar a glória era o seu querer.

10     Mensagem fiel seus dotes intelectuais  
       O pendor da sua inteligência.  
       Revelava à Bahia altos ideias!

Em clarividências estrelais  
 Foste a glória a ciência  
 O Sol do teu dia, não morrerá jamais.

Feira, 15 de novembro de 1957.

N.753-1-1

## SÃO JOÃO DE LUIZINHA

*"Para ti Luizinha Assis  
De Alcina Dantas ao dia  
22 [de] Janeiro [de] 1957".*

Noite de S. João! tudo crepita!  
O Fogo, a lenha, bombita.  
O licor Saboroso, os bolinhos,  
Enfeitam de sortes a Fogueira bonita!

5      E num meneio gentil,  
A "Luizinha" se agita:  
Grita, arruma, e ordena,  
De alegria, saltita!

10     Maracujá, e o Jenipapo,  
A "Luisinha" não se esquece.  
O Peru gordo, no recheio,  
E a salada gostosa apetece!

15     É noite de São João!  
Cai a garoa, foge o luar!.  
E neste alegre vaivém,  
"Luizinha" brinca de amar.

Feira, Junho [de] 1957.

N.380-1-1

## ROSAS

*Este escreve Alcina D[antas], Rosas p[ara] você.*

Ornadas de beleza e de perfume,  
 Numa jarra, distintas rosas vejo;  
 Sinto desejos não sei se por ciúme  
 De tê-las na carícia do meu beijo...

5      Rosas lindas! sorrisos da Natura!  
       Na graça das manhãs de puro albor,  
       Quando a prateada luz do sol perdura,  
       Beijando o roseiral pendido em flor!

10     Oh! brancas rosas lindas perfumadas?  
       E a maciez de veludo, ou do Cetim.  
       Só a fantasia do amor tu vens roubar,  
       Tu das tuas pétalas podes deixar,  
       Felizmente o perfume para mim.

Feira 23 [de fevereiro de 1]958.

## HINO LUZ DE VITÓRIA

*De Alcina Dantas para R[ádio] Cultura.*

Este farol, guarda de luz;  
 Conquistando a glória de heróis,  
 É luz viva, que traz nos ideais,  
 Todo fulgor, ardente dos faróis

5      Este sonho de arte e esplendor,  
 Esta luz de vitória, que te cobre,  
 Sonho feito, de desejo, e conquista.  
 Sempre grande, rico, e sempre nobre.

10     Sublimado em toda liberdade,  
 Céu de estrelas de luz pulverizado;  
 ganharás sempre todos ideais.  
 De canto, de vitória conquistado.

15     Salve! pois o dia em que vieste,  
 A crescer, a bordar dentro em nós,  
 Surgindo como um “astro” de fulgor,  
 Nas manhãs de plenos arrebóis.

Feira, 23 [de abril de 1]958.

## GLÓRIA E DIVINDADE!

*De ALCINA DANTAS*

*Homenagem ao dia 29 [de fevereiro de 1958.*

Milhares de corações abrasados na fé,  
 Numa vibração ardente, a palpitar,  
 Em murmúrio de prece, e amor,  
 Viam na marcação de uma Cruz Negra,  
 5 De braços abertos, cabeça pendida  
 Enquanto o crepúsculo lento escurecia,  
 O Divino Soberano; O Cristo Redentor!...

10 Clamações frementes, corações contritos,  
 Apoteose mais estrondosa de contrição e piedade!  
 A buscarem a Santa placidez, a ternura,  
 Daquele Misericordioso, o olhar de tanta bondade!

15 Em tudo, mistério sobre a penumbra da noite,  
 A Constelação estrelar, um punhado florido!  
 Iluminado de um fulgor incomparável!  
 E um balanço de brisa, as flores incensava,  
 Espargindo sobre a terra, um enleio indefinido!

20 Numa imensa glorificação de amor!  
 Cariciosamente em esplendores,  
 Descortinava a fragrância inebriante das flores,

Na luz, na poesia, em tudo ali estava,  
 O Cristo Redentor sempre vivido,  
 A Glória da terra, a Divindade do Céu,  
 Naquela Cruz-Negra era esculpido!...

### “ALMA CRENTE”

*Alcina Dantas para a amiga Amalia Rodrigues, escreve*

Tens na alma, o esplendor da fé,  
Luminosa crença fulgurante!  
A serenidade firme, no ardor se exalta,  
Jamais em ti, se dirá vacilante.

5           Confias no valor da tua fé,  
Confias na consoladora esperança,  
A fibra da Caridade vibre na tu’alma  
Um sentimento, e uma sólida bonança

10          Na profundez da tu’alma se estende,  
A comunhão do belo, caridade e amor  
A religião é o nível que te prende.

Na pureza da tua consciência és real  
Na serenidade límpida tens o ardor  
De todas virtudes, tens o manancial.

Feira, 15 de Janeiro [de 1]958.

N.887-1-1

## CARIDADE E AMOR

*ALCINA DANTAS à boa Dina Suzarte, pela passagem dos 89 anos de fundação do Monte Pio dos Artistas Feirenses, aonde exerce a nobre missão de educadora.*

Esta comunhão de benfeiteiros tem  
Um sentimento nobre – Fazer o bem[!]  
O entusiasmo fulgura em cada coração,  
Despertando em nós alta inspiração!

5 Vede companheiros o Progresso, o bem,  
A plenitude, a paz, que nos vem;  
Quem nos mostra maior – a esperança!  
O valor desta paz, – é bonança!

10 Noss’alma se volta para o céu em contrição,  
Murmurando em segredo uma prece,  
Para o bem desta organização  
Estimulando a caridade, o amor,  
Que é a joia do céu, auréola de fulgor!

Feira, [1]958.  
N.1019 1-1

### “NA PENUMBRA”

*A "Verinha Calmon" pela passagem do seu natalício, 23 [de maio de 1]958,  
escrevendo sua amiguinha.*

ALCINA DANTAS.

Na penumbra escura da noite, busco  
De olhar aberto a clareza estrelar;  
Vejo que tudo é treva, tudo é duvidar...

Desperta em ti, um poder de magia...  
5 A me prender à alma que de amor extasia!...

Este encanto de atrair – só existe em ti.  
Que foi dado por milagre, e em ti perdure;  
A expressão elevada, da tua ternura!.

10 Na harmonia cromática, estrelar,  
Vejo no pisca-pisca, a teu *encanto a encantar!*

É na sombra da noite, que a penumbra envolve,  
A glória do teu sorrir – sol de desejos –  
A tua graça – um pôr do sol de beijos ...

27 de Maio [1]958 –

N.1176-1-1

### “OMBRE BLEUE”

*Escrevendo Alcina Dantas para simpática acadêmica de medicina Maridélia Jales, agradecendo a sua honrosa visita.*

Na miragem azul de uma manhã invernosa,  
 Vinhas acariciante num reflexo de encantamento!  
 Num harmônio de uma beleza insinuante,  
 Como um sol, refletias a tua graça,  
 5 Crescendo atraente...  
 Rebrilhava nos teus olhos um fulgor,  
 Sorrindo de amor!

Eras de uma carícia seduzante.  
 No sorris arrebatador da tua graça,  
 10 E mais ainda impressionante!  
 No teu pecado de atrair...  
 Na tua meiguice de falar...  
 No albor do teu sorris.  
 Tinhás meneios de encantar!

15 E.....  
 E porque vais fugindo  
 E Sorrindo  
 Deixando meus olhos  
 Verem a tua miragem  
 20 Como uma sombra azul  
 Aos luares!  
 Voltas, que os teus encantos  
 Tem encantos que bem sei dizer  
 O querer,  
 E prender!

### “TE QUERO VER FELIZ”

*Alcina Dantas, Escrevendo 1º [de janeiro de 1958.]*

Te quero feliz, mais feliz ainda,  
 Dentro desta ventura, que te faz sorrir;  
 Te quero ver nesta alegria infunda.  
 Que eternamente vejo, à tu'alma florir!

5

Quero ver os teus olhos, a confundirem,  
 Com o brilho estrelar, que do Céu reluz;  
 Ofuscando meus olhos, deixando tremeluzirem,  
 Com este doce encanto, esta ardente luz!...

10

Te quero ver feliz, a me encontrar,  
 Nesta sublime graça que irradia,  
 Teus olhos brilhantes de sublime magia!

Te quero ver assim, a me fazer sonhar,  
 Sonhar, que a felicidade, é o clarão vivaz,  
 Que a tua fascinação me traz.

N.865-1-1

### “OLHAR QUE FALA”

*Escrevendo Alcina Dantas  
Para uns olhos que falam  
“Olhos de Maria José”.*

Estes olhos que têm na beleza do teu rosto,  
O Privilégio e dom de atrair  
E graça, tentação a ferir,  
Olhar de sedução, olhar de emoção!

5                    Olhar, o que existe em ti, é amor, segredo, mistério...

Olhar, negro, estrelas a faiscarem luz.  
Olhar que tem alvorada e reluz  
Sorrindo na beleza do teu rosto  
Da manhã de sol posto!

10                  Olhar, que a sua luz não mente,  
O amor um grande amor em ti encerra,  
Estrelas choradas do Céus à terra,  
Fosforescente luz em teus olhos bailam,  
E sorrindo os teus olhos falam!...

15                  Olhar, que tem poesia do luar,  
Olhar de misterioso atrativo,  
Olhar, que deixa outro olhar cativo. Em admirar  
O pecado que tem o teu olhar,  
Que sorrindo inspira  
20                  Fitar estes teus olhos culpados  
Por serem os mais cobiçados.  
SIC

Feira, 29 de outubro de 1959.

## A FELICIDADE AONDE MORA?

*De Alcina Dantas, para os amiguinhos Marçal- Janúncio.*

A felicidade aonde mora?  
Assim pergunto eu agora.  
Aonde tu moras felicidade  
É aonde existe amor e serenidade?

5           Bem sei, felicidade, aonde existe amor,  
              Sereno amor divino calor,  
              Duas almas felizes, dois corações,  
              Repletos de amor, transborda ilusões

10          Felicidade tu vens bem perto  
              Junto do coração, é certo.  
              Duas almas felizes a sonhar.

              Eu te direi baixinho a cantar  
              E ali naquele ninho de amor  
              Aonde canta a inocência, em flor.

Feira, Junho de 1959.

## "VOSSA EXCELÊNCIA"

*(Ao Poeta Dr. Paulo, dedicado amigo)  
Escrevendo ALCINA DANTAS.*

Não sei como cantar, Excelência,  
Em verso, em prosa, em quê afinal,  
Um soneto de sua preferência?  
Trocaremos numa afeição espiritual.

5

Se num verso sentimental,  
Pudesse eu cumprir essa sentença...  
Iria confessar o meu mal  
Pedindo-vos... Licença.

10

Para um poeta que a rima preludia  
Não tenho no meu verso melodia,  
Para um poema cantar!

Não condeno a minha musa,  
Pois sinto vê-la tão confusa...  
Neste torneio a pensar.

## “LENDÔ SOLIDÃO”

*Do poeta Leolindo Guimarães*

*Num trocadilho poético*

*Escreve ALCINA DANTAS.*

Se o Sol do meio dia,  
Constrange o coração  
É quando o Poeta,  
Vibra alma de emoção!.

5      Se os passarinhos cantam,  
Se floresce a “baronesa”,  
É porque ao pé da casa  
Encanta a natureza!

10     Se o Sol vai Sumindo,  
Em refúgio ao poente,  
Vagando vai o poeta.  
Falando alma o que sente

15     Se o Galo canta, desperta,  
O luar a espripiar.  
Vai a brisa lentamente.  
Levando alguém a sonhar

20     Repercutindo ao longe,  
A voz de um coração  
A cantar e a sentir  
Os encantos da “Solidão”.

## HINO MARIENSE

*Homenagem à Cidade de C[oração] de Maria (Pelo Brasil de Amanhã) da Rádio Cultura,  
quando em vista aquela Cidade.*

Toda formosa! Oh! Cidade Mariense  
Toda repleta de beleza, e encanto.  
Brancas nuvens, cobrindo o teu Céu lindo!  
O Palmeiral, balança num volteio Santo.

5

O sol, que doira os teus regatos límpidos.  
Borboletas, que brincam em rovoar;  
Na selva rasteira, à Zabelê, se espraia...  
E as Cachoeiras, se fazem encantar.

10

Jardins floridos, pomares frondosos.  
Se enfeitando para o sol que sorri;  
Nessa graça entoa a passarada.  
Hinos à alvorada, a florir.

15

O vento, revoltando das palmeiras as folhas,  
Palpitando de beleza e encanto.  
Toda formosa! Oh! Cidade Mariense!  
Bendito é o teu viver e o teu recanto  
*Por solicitação do programa “Brasil de Amanhã”.*

## **2 Marchinha**

### **LÁ VAI! LÁ VAI!**

*De Alcina Dantas, do concurso carnavalesco infantil da Rádio Cultura, cantada pela garota Maria Aparecida Costa.*

Lá vai! lá vai! lá vai!  
O coração das Feiticeiras  
O cordão vai peneirando...  
Peneirando as cadeiras. Lá vai!

5           Não sacode que cai!  
              Não sacode que cai!  
              Sacodindo já está escapulindo (Bis)      Lá vai!

10          Lá vai! lá vai! lá vai!  
              Lá vai! meu bem, lá vai ...!  
              Peneirando as cadeiras  
              O cordão das Feiticeiras...                   Lá vai

A seguir — "Bate o Bombo".

## NUNCA EM TEUS LÁBIOS

† “O GRITO”, este garoto que vi nascer, sorrir, crescer, cantando vitória!..

ALCINA DANTAS.

Nunca em teus lábios um sorriso,  
Jamais outros, vejo a brincar,  
Enfeitando o teu rosto delicado,  
Fazendo a tua alma transbordar...

5      Brinca em segredo o encanto!  
Deixando tua beleza realçar;  
Teu sorrir, tudo inspira  
Ver, querer, amar e... beijar!..

10     Tudo em teu rosto eu vejo;  
Marulhar e castear;  
Graça e encanto a espalmar.

O teu sorrir é um desejo  
Resplandecente de harmonia,  
Com prelimídios e sinfonia.

## MUITA CORDA... EMBARAÇA

(PALESTRANDO CONTIGO...)

- É bem dito o teu dito,  
 Quando perto eu fito —  
 O fundo do teu olhar!...  
 Desperta-me tanta graça  
 5 Sinto um prazer infindo,  
 De te ouvir assim sorrindo  
 Dizer-me:  
 Muita corda... embaraça.
- Ouvindo arriscarei.  
 10 De novo a ti procurar,  
 Buscando o fio quebrar,  
 Desta corda que embaracei.  
 Nem muita corda embaraça...  
 Quem assim pensar tem graça!...  
 15 Há cordas que embaraçam  
 Que fascinam e que dominam...
- Nem toda corda embaraça  
 E quando se puxa com graça  
 Depende do jeito e atenção  
 20 Vê lá se embaraçam ou não,  
 As cordas do coração?  
 Embaraçam sem querer.  
 Estou vendo a tua graça  
 Tenho vontade, não minto.  
 25 De prender-me um pouquinho,

Num pequeno pedacinho,  
Desta corda que embaraça.

ALCINA DANTAS.

1 de Janeiro [de] 1951.

### CRIANÇAS

*Para as garotinhas que abrillantam o  
Programa Infantil da Rádio Cultura.*

Os sorrisos infantis  
Têm carícias d'alvorada;  
Rouxinolando sutis,  
Os beijos da passarada.

5                   Têm cristais de harmonia,  
                     Resplendente de fulgor...  
                     Mimosos brincos de alegria,  
                     Todo graça, todo amor.

10                  Tem na alma o encanto  
                     Do orvalho cristalino!  
                     Têm no cantar o pranto,  
                     Do aljofre vespertino.

15                  Têm nos olhos o sorrir  
                     Esplendido e a brilhar,  
                     Têm nos lábios o florir  
                     Da Primavera a cantar.

20

Crianças! Flor de alegria!  
De perfume, graças e ternura  
Estrelinhas de primazia  
Da nossa Rádio Cultura.

ALCINA DANTAS.

## RECORDAR É VIVER

Como é doce recordar.  
É viver na ilusão  
De um amor que jamais  
Se extinguiu de um coração...

5            "Recordar é viver",  
Viver sempre a sofrer,  
Quanto é triste a saudade  
Quanto nos faz padecer!

10          Triste, bem triste é a saudade  
A recordar, sofrendo mais  
E no peito nada mais resta.  
Que suspiros e ternos ais.

## MISTÉRIOS DO CORAÇÃO

Tenho para lhe dizer um segredo.

E, muito sério.

Não é chalaça, pois nunca gostei de graças...

Não quero que ninguém saiba,

5 Esse mistério

Pois não descobri agora,

Que gosto seriamente

De você!

Quem sabe? E nem saberá;

10 É interessante isto.

Não serei escrava da sua vontade,

Nunca!

Estas coisas banais,

Nunca pensei que fossem

15 Tão reais!...

Como foi? Eu até nem sei, francamente,

Pois me achava indiferente.

Mesmo não sei por que,

20 Com tanto ódio, não vê?

Sem saber, vim seriamente

Gostar de você!

Pois bem, se não fosse mistério

Este meu segredo

Eu nada aqui revelaria,

25 Continuaria,

Francamente

Lhe odiando e confirmando

Que gosto sem querer

Seriamente,

30

De você.

ALCINA DANTAS.

**TODO OLHAR TEM MISTÉRIO...**

5

Todo olhar tem mistério,  
 E todo amor é incerto  
 Quando não há confiança  
 E nem amizade sincera  
 De certo o amor não impõe,  
 E se conhece de perto,  
 Que todo amor é incerto...

10

O coração que vacila  
 E é de todo indiferente,  
 É como a folha que oscila  
 Não pode se tornar crente,  
 Quem olha vê, e bem crer  
 É aí que eu quero dizer,  
 Havendo certa malícia...

15

Não deixa o amor ter império!  
 Aí tenho a pericia  
 Que todo **olhar tem mistério ...**

20

Há olhares que procuram  
 O desejo de se ver...  
 O que na retina ofuscaram,

E que não podem esconder  
Quando a alma não fala,  
Concentra tudo e... cala  
Vem debruçar na janela  
25 Ali, todo amor é parcela,  
Ali a tristeza resvala,  
A dúvida tem o império!  
E é por isto que digo,  
E finalmente prossigo...  
30 Que todo **olhar tem mistério.**

ALCINA DANTAS.

## O CORAÇÃO NÃO ENVELHECE

*Ao poeta Leolindo Guimarães.*

O coração não envelhece  
Cantando a poesia;  
Vê a saudade sorrindo,  
E a dor, sorrir cantando,  
5 Esquece todo passado,  
Vindo e martirizando.

O coração não envelhece,  
No sorrir da poesia,  
Nem, jamais o amor esquece  
Sentindo florir alegria,  
10 Do sofrer adormece,  
E tudo... tudo... fenece.

O coração não envelhece  
Ouvindo cantar estrelas;  
Sente do amor as centelhas,  
No ritmado do verso,  
Todo passado é poema  
Toda graça é encantamento  
15 O coração não envelhece  
Sorrir a cada momento.

E no rosário do poeta  
Qual a cruz que resplandece?

ALCINA DANTAS.

## ITAPUÃ

*Recordando um passeio em 12 [de fevereiro de] 1962. Escreve  
Alcina Dantas, para a amiga Professora] Gilsa Mello.*

Desmaiaram na areia ondas irreverentes,  
Ao cair da tarde quando a brisa tange.  
Flores de espumas sobre a pele nua  
Da morena que brinca e flutua!

5 Sorri brejeira, no vaivém da brisa,  
Aquece o sol que fugindo a medo.  
Na tarde aos tombos entre rochedos,  
Quebrando ondas em segredo.

10 Ondas que vão e vem, ondas que trazem.  
Milhares de carícias a branca areia...  
Ao longe flutuando graças.  
Sorrisos de linda sereia  
Fervilham espumas nas águas verdes,  
15 Que o céu azul, tornam multicores,  
Num barco alheado a singrar,  
Dois corações plenos de amores.

O sol, no poente vai..., vai... vai...  
Numa triste melancolia!.  
Tingindo de púrpura a tardinha.  
20 E a noite, que chega fria... fria...  
Ondas marulham, e na praia se partem  
Ondas, que rolam, ondas que brincam.  
Ondas, bravias, ondas revoltosas

Ondas sorridentes, ondas que enfeitiçam.

25 Sobre o dorso da praia esvoaçam.

Gaivotas cantando madrigais tristonhos...

No balanço das águas, as ilusões e sonhos...

O mar lança ondas na areia branca da praia

De espumas nervosas,

30 Brisa leve num doce encanto,

Numa tarde fresca, e ao nascer de um luar.

Tarde de sedução – Praia de Itapuã.

## A CONCHA, A PÉROLA E A CRUZ

*De Alcina Dantas  
Homenagem ao Rev[erendo] Aderbal Saback.*

Alva Concha que a Pérola escondeste  
A linda Pérola de candura original,  
Maria Símbolo de amor e perdão,  
Sublimidade Santa e Angelical!  
5 Na claridade do Céu, o seu brilhar.  
Na terra a sua graça, a poesia veio palpitar

5

Alva Pérola, que a Concha escondeu.  
Emblema de doçura eternal,  
Concha e Pérola chamas de amor,  
Doce encanto Celestial!  
10 Em ti Concha Sagrada.  
A Pérola, em Mãe se transformou.

10

15

20

25

Engastaste um coração de Mãe,  
E todos as virtudes refulgentes  
De palpitações frementes,  
De aves arrebatando,  
A majestosa beleza do céu encantando  
Maria, transformaste a bondade,  
Num cárcere de dor, em luz de lágrimas  
Mãe, sois admirável!  
Alva Pérola, seio de Mãe, amor  
Engastada uma Cruz  
A ti apontar a Dor.

Espiritualização de ternura,  
Sadiação de toda Harmonia de paz  
Essência lirial da castidade:

Da Pérola, todo o poema estrelejante,  
Da lágrima desfiada  
Numa angústia delirante...

30 Bendita Concha

Aonde palpita a dor  
Somente tu, na beleza inaudita,  
Refletes toda angústia maternal  
De uma Mãe aflita.

35 Em busca de um bálsamo celestial.

Sorrindo a ti dolorosamente  
Numa ternura emocionante,  
Com doce amor lacrimoso  
O dílcido Jesus, uma cruz  
Afronta o negror doloroso  
Doloroso e martirizante.

40

A Concha, a Pérola e a Cruz.  
Mas bendita concha há  
Mas divina Pérola, Mãe dileta.  
Toda melancolia, piedade, amor!

45

Feira, 11 de fevereiro de 1965.

